

José

Rubem Fonseca

Da minha língua vê-se o mar.
Vergílio Ferreira

SEXTANTE EDITORA



«As memórias preservadas desde a infância e que carregamos durante nossa vida são talvez a nossa melhor educação», diz Alyosha Karamázov. E se apenas uma dessas boas memórias permanece em nosso coração, ela talvez venha a ser, um dia, o instrumento da nossa salvação.

Mas há quem pense o contrário do personagem de Dostoiévski, os que acreditam, como Joseph Brodsky, que «a memória trai a todos, é uma aliada do esquecimento, é uma aliada da morte».

Ao falar de sua infância José tem que recorrer à sua memória e sabe que ela o trai, pois muita coisa está sendo relembrada de maneira inexata, ou foi esquecida. Mas ele gostaria de concluir, ao fim dessas lembranças tumultuadas, que a memória pode ser uma aliada da vida. Sabe que todo relato autobiográfico é um amontoado de mentiras – o autor mente para o leitor, e mente para si mesmo. Mas aqui, se alguma coisa foi esquecida, ele se esforçou para que nada fosse inventado. José cita Proust: «a lembrança das coisas passadas não é necessariamente a lembrança das coisas como elas foram.»

Ele tenta dar uma ordem cronológica às suas lembranças, mas não consegue, nem acha necessário. Lembra que até os oito anos de idade seu pai, sua mãe e dois

irmãos moravam em uma confortável casa localizada numa cidade do estado de Minas Gerais, mas ele não vivia ali. Durante aqueles oito anos de sua vida viveu em Paris. Não a Paris dos bulevares de Haussmann, de Longchamp, de Napoleão III, nem a Paris festeira de Hemingway, nem a do Beaubourg e do Quai d'Orsay, mas a Paris das vielas estreitas, do Pátio dos Milagres, de Richelieu, contada por Michel Zévaco e Ponson du Terrail. Essa parte da sua vida lhe é real, certamente ele passava mais tempo na companhia da pérfida princesa Fausta («ela era paciente; isto é que a fazia tão forte e temível»), do intrépido cavaleiro de Pardaillan e do prodigioso Rocambole do que com a sua família. (Os Três Mosqueteiros eram uma equipe, o que os tornava menos interessantes.) As narrativas desses autores fizeram-no íntimo de reis, papas, duques, cardeais, grandes inquisidores, espadachins formidáveis, princesas e estalajadeiras lindas, áulicos sicofantas e astuciosos bobos da corte. Essas pessoas o envolviam em golpes de estado, regicídios, fraticídios, homicídios, parricídios, genocídios, conluíes criminosos, intrigas palacianas, envenenamentos, defenestrações, lutas de capa e espada e cenas de amor e altruísmo. José atravessava, embuçado numa capa negra, as ruas de Paris, frequentava as estalagens, as mansardas, os salões e os boudoirs de princesas, os gabinetes de cardeais e bispos poderosos e devassos; participava de intrigas políticas, traições, paixões, duelos, assassinatos; assistia à matança de hereges queimados em fogueiras por monges sinistros em meio ao entusiasmo enfurecido do populacho; enredava-se em aventuras amorosas; participava da ascensão e queda dos poderosos; testemunhava as humilhações e os

sofrimentos dos fracos e dos miseráveis; convivia, nos castelos, com reis e rainhas de França, e nos porões da Bastilha com o Conde de Monte-Cristo e o Homem da Máscara de Ferro. Comia o mesmo que aqueles aventureiros, uma omelete, uma empada, um pastelão, acompanhados de um Vouvray «espumoso e crepitante». Ele vivia aquela vida, a sua verdadeira vida.

Agora ele se lembra: os livros e os fascículos de Zévaco, de du Terrail, de Alexandre Dumas lhe eram enviados periodicamente do Rio pela sua tia Natália, que era atriz de teatro, na capital do país.